



Oswald de Andrade, o salva vidas da literatura brasileira

Gilberto Felisberto Vasconcellos¹

Resumo

Este artigo aborda a leitura de Oswald de Andrade feita pelos poetas concretos (Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari) de São Paulo a partir da década de 60. Essa releitura de alta densidade formal não deixou de ensejar uma crítica histórica e marxista em muitos jovens intelectuais da época, tanto na crítica literária quanto na crítica musical, notadamente o ensaio *De Olho na Fresta*. Faz um balanço da influência nacionalista e marxista, incluindo o escritor Darcy Ribeiro e o político Leonel Brizola, tendo como influência desencadeadora Oswald de Andrade, não obstante ter sido este escritor modernista adversário de Getúlio Vargas de 1930 a 1954.

Palavras-Chave: Oswald de Andrade, Literatura, Marxismo.

Oswald de Andrade, the lifeguard of the Brazilian literature

Summary

This article discusses the reading of Oswald de Andrade made by the concrete poets (Augusto de Campos, Haroldo de Campos and Décio Pignatari) of São Paulo since the 1960s. Such formal reading of high density gave rise to a historic and Marxist review by many young intellectuals of that time, both in the literary criticism and musical, notably of the essay “De Olho na Fresta” (An Eye on Silver Lining). It reviews the nationalist and Marxist influence, including the writer Darcy Ribeiro and the politician Leonel Brizola, under the influence of Oswald de Andrade, despite the fact that this modernist writer was an opponent of Getúlio Vargas from 1930 to 1954.

Keywords: Oswald de Andrade, Literature, Marxism.

Oswald de Andrade, el salvavidas de la literatura brasileña

Resumen

Ese artículo trata de la lectura de Oswald de Andrade hecha por poetas concretos (Augusto de Campos, Haroldo de Campos y Décio Pignatari) de São Paulo desde la

¹ Professor adjunto do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora

década de 60. Esa relectura de alta densidad formal hizo brotar una crítica histórica y marxista en muchos jóvenes intelectuales de la época, tanto en la crítica literaria cuanto en la crítica musical, principalmente el ensayo *De Ojo en la Grieta*. Haz un balance de la influencia musical, principalmente el ensayo "De ojo en la grieta" (De olho na Fresta). Haz un balance de la influencia nacionalista y marxista, incluyendo el escritor Darcy Ribeiro y el político Leonel Brizola, teniendo como influencia desencadenadora Oswald de Andrade, no obstante haber sido ese escritor modernista adversario de Getúlio Vargas de 1930 al 1954.

Palabras Clave: Oswald de Andrade, Literatura, Marxismo

Os leitores e estudiosos de literatura brasileira somos eternamente gratos, ou deveríamos ser, à exegese e hermenêutica feitas pela poesia concreta da obra de Oswald de Andrade. Foi um extraordinário labor crítico que tirou o autor de *Marco Zero* do ostracismo autoral em que se encontrava, mesmo antes de sua morte em outubro de 1954. Com isso não quero sugerir que tivesse sido um escritor de grande público, a tiragem de seus livros sempre foi pequena, não viu nenhuma de suas peças de teatro levadas ao palco, enfim o país ágrafo subdesenvolvido não degustou o “biscoito fino” oswaldiano.

Munidos de instrumentais linguísticos e semiológicos, dotados de apurada capacidade poética, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, o triunvirato do bairro de Perdizes em São Paulo, mostrou que Oswald de Andrade salvou a literatura brasileira da rotina, do marasmo, do conformismo chapa branca, colocando-a em pé de igualdade ao que havia de melhor e de mais inventivo no panorama mundial contemporâneo. O que foi uma maneira de lidar com o desenvolvimento desigual do capitalismo, refutando a ideia de que sempre haveria relação necessária entre atraso econômico e atraso artístico.

Minha geração em São Paulo, que entrou na Universidade lá por volta de 1968, teve a sorte de acompanhar no dia a dia alguns estudos publicados pelos poetas concretos em jornais, revistas e livros. Poetas que tinham um enfoque crítico de sua própria poesia, além de reexaminarem a história da literatura brasileira, como Haroldo de Campos fez com o sequestrado estilo barroco desde Gregório de Matos. Foi realmente um primor a revisão crítica de Oswald de Andrade feita pelo bisturi da poesia

concreta, a análise imanente do pensamento discursivo (a prosa) e do pensamento poético. O meu livro juvenil *De olho na Fresta* sobre música popular foi inspirado em *Balanço da Bossa* de Augusto de Campos (2012). Hoje, passadas algumas décadas, ocorre-me amiudadas vezes pensar que, na verdade, o objeto do *De olho na Fresta* era menos discorrer sobre a música popular (bossa nova, jovem guarda, tropicália) do que dialogar com o ouvido culto, atento e inteligente de Augusto de Campos, embora eu fosse um sociólogo pirralho e xucro em música de invenção, Webern, Schoenberg, Stockhausen. Para mim, o mais importante era o saboroso prato feito por Oswald de Andrade que vinha trazido e revelado pela poesia concreta. Essa revelação me tocou tanto quanto a leitura de autores marxistas como Georg Lukács e Walter Benjamin.

Seguramente se não fosse a crítica literária e musical da poesia concreta, eu não teria conhecido (talvez somente mais tarde) a obra de Oswald de Andrade que me abriu as janelas para o cinema de Glauber Rocha e a militância política anti-imperialista de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro e Edmundo Moniz, ainda que o escritor modernista tivesse embirrado de 1930 a 1954 com Getúlio Vargas.

O efeito cultural descolonizador que trouxe a literatura oswaldiana foi recentemente sublinhado em tese de mestrado (UFJF) por Yago Euzébio Paiva, orientado pela professora Terezinha Scher, agora publicado em livro com o título *Sociologia Pau Brasil*, editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2013. Nesta montagem de Oswald de Andrade, poesia concreta, cinema de Glauber Rocha e o anti-imperialismo de Brizola e Darcy, falta acrescentar e fazer justiça ao crítico Mario da Silva Brito, o historiador do modernismo brasileiro que chamou atenção para um aspecto fundamental da oswaldiana: o marxismo. Por outro lado, ainda não surgiu a crítica marxista da poesia concreta. Crítica dialética, e não racionalista ou subjetiva. Um dos méritos da poesia concreta foi ter enaltecido o “poeta factivo” (Haroldo de Campos) e denunciar o metaforismo retórico e bacharel tão arraigado na cultura brasileira. Décio Pignatari teve a coragem de abrir o jogo: quando se referia ao marxismo era o do partidão, pois em 1956 (data em que é publicado *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa), fora do PC stalinista não existia pensamento marxista no Brasil. Um autor bastante citado pelos concretistas era o Sartre existencialista marxizado, próximo do Partido Comunista francês e distante da crítica de Trotsky à burocracia stalinista feita desde 1924.

É intrigante a ausência de Trotsky na literatura de Oswald de Andrade, porque o líder bolchevique era afeiçoado à conexão arte e revolução proletária desde antes de 1917. Admirava o futurismo russo, que foi rebelde contra a ordem czarista e aproximou arte e tecnologia. Apenas discordou da ruptura futurista com o passado na batalha em criar uma cultura proletária, *proletkult*. Trotsky foi sutil ao reparar que os poetas futuristas eram poetas que se tornaram comunistas, e não comunistas que se tornaram poetas. Na vanguarda artística europeia da década de 20, como se deu com o surrealismo, Trotsky influenciou o modo de conceber a relação entre política e estética.

Os manifestos literários de Oswald de Andrade (1924-1928) foram publicados na época em que Trotsky escrevia sobre o poeta Maiakovski. A influência do líder bolchevique passou em brancas nuvens em todos os escritores do modernismo brasileiro. O curioso é que ele esteve exilado no México do presidente Cárdenas a partir de 1937. Por essa época a única influência marcante de Trotsky na América Latina se deu com o peruano José Carlos Mariátegui. Mais tarde, surgiu na Argentina José Abelardo Ramos, o crítico de Jorge Luiz Borges e Ernesto Sabato. Anti-imperialista na economia e na cultura, Oswald de Andrade não se ligou na Pátria Grande de Artigas, ele deu as costas para a América Latina, como aliás aconteceu com todos os escritores modernistas. Quando saiu do Partido Comunista Brasileiro em 1945, porque Luis Carlos Prestes havia se aproximado de Getúlio Vargas, o autor de *O Rei da Vela* desconhecia a crítica de Trotsky à degenerescência burocrática na União Soviética, de modo que não conseguiu superar o credo de Stalin exportado para a América Latina. Ainda que se possa supor que o apoio de Prestes a Vargas em 1945 tivesse menos motivação endógena que orientação externa, fato é que a ruptura de Oswald de Andrade com o PCB foi o resultado da aproximação Prestes-Vargas e não causada por uma compreensão crítica do burocratismo stalinista que vingava na União Soviética a partir de 1924, data da morte de Lênin e publicação do *Manifesto Pau-Brasil* de Oswald de Andrade. Tanto isso é verdade que se empolgou com o stalinista Earl Browder, secretário do PC norte-americano refratário ao conceito leninista de imperialismo. Há quem diga (no caso da revolucionária Natália Sedova, a mulher de Trotsky) que Browder preparou de Nova York o assassinato de seu marido, ocorrido na Cidade do México em 1940. Em seu romance *Riverão Sussuarana* Glauber Rocha defende a tese (romance teórico à Valter Benjamin) que a história do Brasil no século XX está marcada

pela presença do imperialismo norte-americano e pela influência stalinista exercida nos intelectuais, o que não deixa de ser um desdobramento da derrota de Trotsky na União Soviética. Fato é que a aliança internacional tecida entre o imperialismo norte-americano e a burocracia stalinista atrapalhou a prática e a teoria do marxismo na América Latina. Não nos esqueçamos de que Oswald de Andrade foi comunista (do PCB) no auge do stalinismo, entre 1928 e 1945.

Augusto de Campos referia-se à missão social da poesia, mas isso tinha menos a ver com Marx do que com Mallarmé (“*Donner un sens plus aux mots de la tribu*”), embora não haja abismo a separar o poeta dos poetas e Marx, que considerava a linguagem a consciência prática. Por causa do complexo colonial de inferioridade, a crítica literária brasileira não deu a devida importância à originalidade da interpretação concretista que, pela primeira vez em âmbito mundial, articulou o nexos formal e de sentido entre Mallarmé, Pound e Joyce quanto ao procedimento do texto especializado na página. Augusto de Campos acrescentou o compositor Webern, assim como nessa constelação foi introduzido Oswald de Andrade com seus “minutos de poesia” e “poesia comprimido”. Influuiu muito na teoria da poesia concreta o marxista Oswald de Andrade, por isso não se pode afirmar que nela exista antinomia entre forma política e conteúdo histórico. A abordagem formal, centrada na função autoreflexiva da linguagem, a que se referia Haroldo de Campos em *Ideograma* (1977) não relegava a segundo plano o significado histórico. Pasolini, escritor, cineasta, lingüista, semiólogo, admirador de Elza Pound, embora o poeta “a-historicista” abominasse o bolchevismo de 17 como uma revolução falsa, acentuou a beleza pondiana maneirística menos no que é dito do que na forma verbal de dizer as coisas:

L’amore di Pound per il momento puramente fático della língua (cioè per la funzione di chiacchiera) è uno dei fenomeni più grandiosi della letteratura moderna. Il sospetto che sia dovuto a una pazzia clinica non ne diminuisce minimamente il valore (PASOLINI, 1996, p. 120).

Leitor e estudioso de Oswald de Andrade, Decio Pignatari, dentre os poetas concretos, foi o que mais se reportou a Marx. Hoje uma abordagem materialista dialética da poesia concreta deve ir além da investigação sobre o conhecimento que os poetas concretos tinham de Marx, Engels, Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo. Haroldo

de Campos, que trazia em sua literatura a pulsão barroca, tal qual Guimarães Rosa e Glauber Rocha, associou a poesia concreta na década de 50 à redução sociológica do sociólogo brizolista Guerreiro Ramos, o que lembra a obnubilação brasílica de Araripe Júnior discorrendo sobre o descolonizado Gregório de Matos, que descobriu a terra do novo mundo afastando-se da pedagogia eurocêntrica. Por toda a América Latina o barroco foi um estilo da contraconquista capitalista. A constância estilística do barroco apelou para a descolonização da arte e da cultura. Sob esse ângulo, diferente do clássico burguês, o espírito barroco é proletário, como se vê no texto *O Rei da Vela* de Oswald de Andrade . Em 1961 a poesia concreta lembrava Maiakóvsky: “sem forma revolucionária não há arte revolucionária”, que era uma paráfrase de Lênin: sem teoria revolucionária não há prática revolucionária.

Mário da Silva Brito deve ser lido junto com o ensaio de Haroldo de Campos, “Miramar na mira”, cujo título remete por antítese ao interior (mar/roça) de *Marco Zero*. Haroldo de Campos sublinhou os vanguardismos joycenos verbivocovisuais em Oswald de Andrade, enquanto o *Miramar na mira* marxista começou com Mário da Silva Brito em seu prefácio de *Os Condenados*. Chamou Oswald de “aluno de romance”, e não romance de aluno. O escritor modernista tinha o gosto de viver o próprio romance feito de sua vida. O que não é para todo romancista nem para os poetas que não vivem. *Miramar* tinha muito a ver com Oswald de Andrade e, depois de 1934, data em que foi publicada *Escada*, ele já era marxista. Nesse romance o personagem principal, o escultor Jorge D’Avelos, era comunista, ainda que o seu comunismo fosse sentimental, emotivo, piedoso, parnasiano, anarcóide, estetizante: “fora preciso uma mulher para fazê-lo mudar, descobrir exatos caminhos”. Essa mulher se chama Mongol, Mário da Silva Brito sugeriu que ela era Pagú, se o romance tiver alguma coisa a ver com a biografia do escritor, o qual tornou-se comunista em 1928, época em que foi junto com a musa Pagú encontrar-se com Carlos Prestes em Montevideo. Esse encontro foi decisivo na vida de Oswald de Andrade, que entrou para o Partido Comunista e aí não mais saiu até 1945. Mario da Silva Brito não questionou que tipo de marxismo era o dele, pois como dizia com toda a razão o poeta Pier Paolo Pasolini “nem sempre quem é de esquerda em literatura é de esquerda em política” (PASOLINI, 1986, p. 21). Que sua literatura fosse de esquerda não há dúvida. Ele mostrou em seus romances e em seu teatro que a moral é sempre moral de classe social. A rigor, bem considerando, foi no

modernismo o único escritor marxista, nem mesmo Raul Bopp aderiu ao marxismo dialético. O poeta gaúcho da antropofagia foi até Prinkipo na Turquia a fim de entrevistar Leon Trotsky, mas a entrevista não aconteceu.

Mário da Silva Brito (1991, p. 14) acertou em cheio ao prefaciar a peça de teatro *O Santeiro do Manguê*, a qual começou em 1935 e terminou de ser escrita em 1950, quando havia rompido com o partido comunista de feição stalinista, como todos os PCS do mundo depois da morte de Lênin em 1924. Mário da Silva Brito o chamou de “defroqué da esquerda”. Teve o privilégio de ouvir Oswald de Andrade ler a peça de teatro para ele. Atente-se para o seguinte detalhe: “defroqué” que não virou anticomunista, como acontece amiúde com aqueles que renegam o marxismo. Rompeu com o Partido Comunista e com Prestes, mas não se tornou anticomunista. Mário da Silva Brito assinalou que o ponto alto desse teatro é a presença do “estudante marxista”, e sabemos quão difícil é na literatura brasileira retratar, sem desvelar para o panfletismo carente de profundidade artística, os personagens de esquerda anticapitalista. Burguesia e proletário não são contraditórios, e sim opostos. O “estudante marxista” faz exame de consciência para denunciar o caráter alienado da religião. É a obra talvez mais blasfema de nossa literatura que, segundo Mario da Silva Brito, foi escrita com um propósito nitidamente anticatólico, iconoclastia antireligião e denúncia do masoquismo autopunitivo para contrapor-se à poesia de Murilo Mendes e de Jorge de Lima. O marxista Oswald de Andrade sabia que a igreja foi contra o pajé, tinha escravos negros trabalhando para ela, não tolerou a escravidão dos índios, mas os jesuítas fizeram da índia empregada doméstica em suas casas. No prefácio de *Serafim Ponte Grande* ([1933] 2007), o alvo da crítica anticatólica eram as novenas de Mário de Andrade e Augusto Frederico Schmidt.

O cenário de *O Santeiro do Manguê* é o Rio de Janeiro sob os braços de Jesus Cristo, as mulheres da vida, as prostitutas miseráveis são chamadas “bentevis da madrugada”. A crítica materialista, tal qual exposta em *A Crise da Filosofia Messiânica*, não poupa Cristo, a propriedade privada, a monogamia e a herança. Em *O Santeiro do Manguê* Cristo leva o homem mais para a morte (o corpo morto como a essência da religião) do que para a vida. Desaparece o Oswald de Andrade órfico do passado afinal, Orfeu não deixa de fazer parte constitutiva da cristologia de raiz grega. Eduléa, a prostituta, tem 16 anos. Cristo reproduz as condições sociais ditadas pelo

imperialismo: “- na verdade Deus ajuda... (os ricos)”. Mario da Silva Brito, ouvindo a leitura desse “poema – bufo”, ficou espantado com a oposição à religião de Oswald de Andrade que assimilou a crítica humanista de Fierbich e Marx. Há uma conexão semântica que une *Os condenados* a *O Santeiro do mangue*: a religião (“os anjos são reacionários”) persegue e pune o homem, e não o faz feliz (ANDRADE, 2003 e 2005).

Oswald de Andrade não chegou de súbito no marxismo conversando um dia com Luis Carlos Prestes em um café de Montevideo. Claro que não. Ele chegou no comunismo escrevendo o romance *Os Condenados* e abordando o perfil de mulher (Alma é “vítima sangrenta do capitalismo”), de cujo reflexo é a questão patriarcal. O patriarcalismo fálico é a ideologia do capitalismo. Em *A Marcha das Utopias* a infidelidade da mãe (a liberdade erótica da mãe que os filhos não toleram) é um dos assuntos projetados pelo teatro desde Esquilo. Os seus livros filosóficos depois de 1945, com a sistematização conceitual sobre o que foi a experiência poética e aforismática de Pau Brasil e Antropofagia, estão profundamente marcados pela etnologia de Engels (2002): *A Origem da Família, do Estado e de Propriedade Privada*. Na família o homem é o burguês; a mulher, o proletariado. Destarte, não seria descabido lançar a hipótese de que a dialética marxista se materializou plenamente em *A Marcha das Utopias* e *A Crise da Filosofia Messiânica*, ou seja, muito mais nesses livros filosóficos do que em *Ponta de Lança* e *Telefonema* sobre as conjunturas políticas da sociedade brasileira.

A originalidade da obra de Oswald de Andrade, sem negligenciar a poesia e o estilo vanguardístico dos manifestos (a sintaxe obedece às razões poéticas, e não às razões lógico-gramaticais), encontra-se em suas reflexões filosóficas a partir da leitura de Morgan, Bachofen, Fourier, Engels e Marx. O seu marxismo antropofágico (ou a sua antropofagia marxista) é uma contribuição imprescindível ao estudo do metabolismo entre a natureza e a humanidade. Selva selvagem. Floresta. São frequentes as alusões ao período cabralino, as quais vão além da influência dos vanguardismos literários europeus, porque nelas o que avulta é a abordagem anticolonialista sobre a natureza dos trópicos. Em Oswald de Andrade não há antítese entre floresta e civilização. Com enorme incidência de sol e água, a floresta é para ser usada economicamente, o que não significa devastá-la, destarte o seu romance *Chão* é a denúncia da história da colonização como a história da depredação da floresta tropical. Não podemos nos

esquecer de que sua mãe, dona Inês, nasceu na Amazônia. A oralidade no estilo, refratária à gramática dos doutores, originou-se da ambiência da floresta, embora o escritor tivesse vindo ao mundo em São Paulo no final do século XIX. Eis um exemplo notável em *O Santeiro do Manguê*: “meu *home midánimí*”. Antes de aderir ao marxismo em finais da década de 20, foi anti-imperialista com o manifesto da antropofagia, atacou o padre Vieira, autor do nosso primeiro empréstimo, o padrinho da nossa primeira dívida externa que mesclou lábia e dinheiro em sua diplomacia, mas em outros textos padre Vieira será elogiado por ter ajudado a expulsar os holandeses do Nordeste.

O nacionalismo anti-imperialista de Oswald de Andrade não foi consequência de ter se filiado ao Partido Comunista e sim decorrência do profundo conhecimento da literatura brasileira. Nos manifestos literários de 1924 e 1928, *Pau Brasil* e *Antropofagia*, sobressai a condição primitiva do homem, o primitivo como o oposto do sistema capitalista de produção, sendo que aqui como em outros lugares o primitivo matriarcal (matriarcado de Pindorama) precedeu o patriarcado civilizado com monogamia e transmissão pela herança da propriedade privada.

Na vanguarda literária europeia o dadaísmo e o surrealismo também fizeram a crítica do homem civilizado, cotejando-o com o que havia sido a vida dos povos primitivos. Isso não quer dizer no entanto que Oswald de Andrade tivesse mimetizado o dadaísmo e o surrealismo, pois chamou a atenção para o que havia aqui de específico na condição primitiva: os trópicos. E mais: o índio no Brasil era uma gente que estava viva, não era um povo remoto de um passado longínquo e objeto dos etnólogos que estudaram a dissolução da comunidade igualitária e a formação da sociedade civilizada. É que esta surge com um longo processo de acúmulo de propriedade privada e sua distribuição desigual. Oswald de Andrade sublinhou a seguinte diferença: com as caravelas de Cabral no século XVI houve a ingerência abrupta, e não a gradual transição do primitivo para o civilizado. É esse o conteúdo da antropofagia, mas que tem sido interpretado de maneira simplista como uma mera atitude de assimilação de ideias estrangeiras; afinal, toda cultura deve incorporar criticamente do exterior o que lhe convém, principalmente na sociedade capitalista com o acentuado desenvolvimento desigual. Se tomada apenas no sentido de deglutir culturalmente o que vem de fora, a antropofagia não transcende o lugar comum; todavia Oswald de Andrade deu à

antropofagia um caráter de resistência ao colonialismo, uma conotação de luta de classes consubstanciada na oposição entre interesses privados e coletivos, qualificando-a como o primeiro momento anti-imperialista da cultura brasileira. No manifesto *Pau Brasil*, do qual se origina o antropofágico, eis a diretriz norteadora: existia gente indígena na América que vivia antes do colonizador trazer a propriedade privada, a Igreja, o dinheiro e o contrato. A etnóloga Berta Ribeiro (1987) informou que o índio não conhecia janela: “O apego do índio não é propriamente à casa, e sim a todo o território tribal”. Aqui também houve a vida comunitária (coletiva) precedendo a sociedade civilizada, embora diferente da antiguidade do homem estudado por Morgan, Marx e Engels. A antropofagia retomou esses autores, mas deu ênfase no “comunismo caítiti” que existia na floresta dos trópicos. Intriga o fato de Oswald de Andrade (e foi o único, não apenas entre os modernistas) ter elaborado uma interpretação da sociedade civilizada moderna tendo como parâmetro o trópico e a humanidade que nele vivia sem casamento e transmissão de herança familiar. Os índios viviam em comunidades igualitárias. A coroa metrópole se apropriou das terras e tomou suas mulheres. Marxista e leitor de Charles Fourier (daí o realce no direito materno), Oswald de Andrade analisou a sociedade pelo comportamento desta diante da mulher e da criança. Para ele, socialismo significava emancipar as mulheres e proteger as mães. Em sua interpretação acerca do processo civilizatório (a interação natureza e sociedade) sobressai o sentido anticolonialista fundamentado na ecologia dos trópicos. Por isso podemos ler sua filosofia antropofágica (*A Marcha das Utopias* e *A Crise da Filosofia Messiânica*) como uma ecologia anti-apitalista no modernismo. E, nesse aspecto, foi um escritor pioneiro ao abordar o trópico do ponto de vista da dialética marxista.

É curioso que a poesia de Oswald de Andrade seja informada pela horizontalidade vegetal. O nome é significativo: Pau-brasil, a primeira fonte energética, a madeira. A técnica vista como um instrumento para desenvolver as forças produtivas resultou em sua ideia sobre o bárbaro tecnizado como o homem antropofágico do futuro. O metabolismo entre sociedade e natureza, eis a medula de seus livros.

A Crise da Filosofia Messiânica e *a Marcha das Utopias* não incorreram na mistificação segundo a qual a invenção tecnológica pode resolver os problemas ecológicos. Existe nesses dois livros a crítica radical à conquista da natureza feita pelo capitalismo, ou seja, a contradição entre a acumulação de capital e recursos naturais. Há

um *Sol Oswald* delineado na perspectiva de um socialismo solar, isto é, um socialismo ecologicamente limpo que se contrapõe ao capitalismo sujeira destruidor da natureza.

Se Augusto de Campos tivesse outro nome, talvez não fosse o poeta crítico músico que é. Sorte tê-lo brasileiro, morando nas Perdizes, onde um dia fui visitá-lo em meados dos anos 80. Telefonei-lhe na cara dura. Recebeu-me com um vinho chileno. Gentileza. Homem intelectualmente generoso. Impressionante o que o sábio e sereno Augusto de Campos desasnou minha geração nas artes. Ainda não assimilamos inteiramente o que nos ensinou pelas páginas dos jornais, revistas e livros. Entende-se o grande adiantamento que deu aos compositores populares, ainda que hoje (e não por culpa dele) a música popular tivesse desandado por caminhos do boi com abóbora, e absolutamente não interessa fazer a psicologia dos compositores.

Existiu na década de 70 em São Paulo a clivagem Pinheiro/Perdizes na crítica literária, o primeiro representado pelo árcade Antonio Candido, o segundo galvanizado pelo barroco inconfidente Haroldo de Campos, tendo por zagueiros Augusto de Campos e Décio Pignatari. A universidade (letras, ciências sociais, filosofia) era influenciada pelo arcadismo mineiro, os poetas concretos não eram professores, nunca os vi falando em público.

Com Décio um dia tomei uns tragos na Vila Madalena. A lâmina entre Parmênides e Mallarmé vinha no bife com fritas de Oswald de Andrade. Eu não poderia imaginar que um assunto fundamental do século XX brasileiro era a relação da poesia concreta com o marxismo, passando por Pagu e John Milton Cage. Às vezes tenho a impressão de que o comunismo é visto como algo careta na exegese dodecafônica, ainda que Theodor Adorno considerasse o dodecafonismo de Viena música de esquerda. O problema é que a poesia concreta em determinados momentos (como é o caso de Augusto falando de Camargo Guarnieri e Mário de Andrade) identificou marxismo ou comunismo com stalinismo. O detalhe é que Camargo e Mário passaram batido do Manifesto Comunista de Marx e Engels. Faltou Leon Trotsky em Perdizes.

Viva o oswaldiano Augusto de Campos!

Referências

ANDRADE, Oswald de. **Marco Zero**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

_____. **O santeiro do mangue e outros poemas**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

- _____. **Os condenados**. 1a. ed. São Paulo: Editora Globo, 2003.
- _____. **Serafim Ponte Grande**. 5a. ed. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- BRITO, Mário da Silva. O santeiro do mangue. In: ANDRADE, Oswald de. **O santeiro do mangue e outros poemas**. São Paulo: Editora Globo, 1991. p. 9-15.
- CAMPOS, Augusto de. **Balanço da bossa**. 5a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CAMPOS, Haroldo de. **Ideograma: lógica, poesia, linguagem**. 2a. ed. São Paulo: EDUSP, [1977] 1986.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- PAIVA, Euzébio Paiva. **Sociologia Pau Brasil**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.
- PASOLINI, Pier Paolo. **Descrizione di descrizione**. Roma: Garzanti, 1996.
- _____. **Diálogos com Pasolini: Escritos 1957-1974**. São Paulo: Editora Nova Stella, São Paulo, 1986.
- RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Univerbras, 1987.
- TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.